

CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES PELAS CRÍTICAS CINEMATOGRAFICAS: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE OS JORNAIS *CORREIO DO POVO* E *O 5 DE ABRIL*

*Cristina Ennes da Silva***
*Paula Regina Puhl****
*Cláudia Gisele Masiero**

Resumo: O presente estudo busca apresentar e analisar as críticas cinematográficas publicadas nos jornais *Correio do Povo* e *O 5 de abril*, durante o primeiro semestre de 1950, por meio da metodologia da análise de conteúdo. Entendidas como guias aos leitores, as críticas cinematográficas podiam influenciar a leitura do filme. Nesse sentido, buscou-se problematizar a relação entre elas e a construção das identidades em dois contextos distintos, Novo Hamburgo, local de produção e circulação de *O 5 de abril*, e Porto Alegre, capital, por meio do *Correio do Povo*, jornal de maior circulação no estado na época. Verificou-se, assim, relação mais estreita no primeiro caso, isto é, proximidade entre crítica e leitor, e, no segundo caso, um maior distanciamento e uma crítica mais especializada e completa.

Palavras-chave: Crítica cinematográfica, Imprensa, Identidades.

* Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS. Professora no Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais e Diretora do Instituto de Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade FEEVALE (crisennes@feevale.br).

** Doutora e mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS. É professora dos cursos de publicidade, jornalismo, relações públicas e curso superior de tecnologia audiovisual na mesma instituição (papuhl@terra.com.br).

*** Mestranda em Processos e Manifestações Culturais (Universidade FEEVALE). Bolsista Prosup/Capes. Integrante do grupo de pesquisa Comunicação, Imagem e Identidade (claudiamasiero@feevale.br).

Abstract: The present study aims to present and analyze the film criticism published in *Correio do Povo* and *O 5 de abril* newspapers during the first semester of 1950 through the methodology of content analysis. Understanding film criticism as a guide to readers who were and who thus could influence the reading of the film, the study also seeks to problematize the relation between them and the construction of identities in two different contexts, Novo Hamburgo, place of publishing and circulation of *O 5 de abril* and Porto Alegre, capital of the state, through the *Correio do Povo*, newspaper of largest circulation at the time. The study was able to verify, thus, a closer relationship in the first case, the proximity of critics and reader, and in the second case the lack of proximity in detriment of a more specialized and complete criticism.

Keywords: Film criticism, Media, Identities.

Resumen: El presente estudio tiene como objetivo presentar y analizar las películas reseñas publicadas en los periódicos *Correio do Povo* y *O 5 de abril*, durante el primero semestre de 1950, a través de la metodología de análisis de contenido. Entendidas como guías de los lectores, las películas reseñas podrían influir en la lectura de la película. En consecuencia, buscamos problematizar la relación entre ellas y la construcción de las identidades en dos contextos diferentes, Novo Hamburgo, el local de producción y circulación del *5 de abril*, y Porto Alegre, la capital, a través del periódico *Correio do Povo*, periódico de mayor circulación en el estado en ese momento. Es por lo tanto una relación más estrecha entre lector y películas reseñas en el primer caso y en el segundo, una distancia mayor y uno texto más completo y especializado.

Palabras clave: Películas reseñas, Media, Identities.

Introdução

Entender o Cinema como prática social, segundo os estudos de Turner (1997), é buscar ir além da análise estética que sempre lhe é atribuída. É, sobretudo, estudá-lo como entretenimento, narrativa e evento cultural. O ato de ir ao cinema e seus aspectos relacionados podem, dessa forma, ser vistos de outro modo, interessado na sua significação. O autor afirma que os filmes populares têm uma vida que vai além da exibição nas salas de cinema, que se tornam parte de nossa cultura e identidade, sendo possível identificar em suas narrativas e significados, evidências do modo como nossa cultura dá sentido a si própria.

Assim, este estudo, por meio da análise das críticas cinematográficas¹, que são também elementos do cinema como prática social, tem por objetivo apresentar e analisar esses textos publicados no primeiro semestre de 1950, nos jornais *O 5 de abril* e *Correio do Povo*, através da análise de conteúdo. O primeiro circulava no município de Novo Hamburgo, RS. O segundo é um jornal da capital, Porto Alegre, ainda em atividade, o qual, na época pesquisada, era o de maior circulação no Estado (RÜDIGER, 2003). Busca-se também problematizar a relação entre as críticas e a construção das identidades nessas duas distintas situações, considerando que elas eram guias aos leitores desses jornais. Como tal, as críticas podiam não somente influenciar o leitor na escolha do que iria assistir, mas na própria leitura que fazia dos filmes.

Puhl e Silva (2011) salientam que o cinema antes da televisão foi uma das mídias de maior alcance das massas, eis por que sua influência na construção da cultura. Pode-se dizer, também, por isso sua influência na construção das identidades, pois são elas construídas na e por meio da cultura, associadas a sistemas de representação, considerando que

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas (HALL, 2009, p. 109).

É necessário dizer, primeiramente, que se pensa identidade enquanto processo, construída através das relações sociais, podendo sofrer a interferência de interesses de alguns grupos e ou das relações de poder. Hall (2005) diz ainda que, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. Para ele a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro dos indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Assim ele fala que psicanaliticamente, continuamos buscando a ‘identidade’ e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque buscamos recapturar o que chama de prazer fantasiado de plenitude.

Para Chartier a construção das identidades sociais se abre em duas vias. Através das palavras do autor se pode entender como elas são construídas no interior dos

¹ Denominamos crítica, neste estudo, os textos publicados no jornal que versavam sobre os filmes, abordando o seu conteúdo, podendo abranger aspectos de sua produção e informações técnicas ou simplesmente comentários sobre a obra.

contextos sociais, ou seja

Uma pensa a construção das identidades sociais como resultado sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma, outra que considera o recorte social objetivado como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo, logo a sua capacidade de fazer reconhecer a sua existência a partir de uma demonstração de unidade (CHARTIER, 2002, p. 183).

Dessa forma, para o autor, as representações atuam no processo de construção das identidades. O conceito de representação, por sua vez, está ligado ao entendimento do modo como, em diferentes momentos históricos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Trata-se de entender os processos pelos quais se constrói um sentido. As representações têm a capacidade de seduzir sem o emprego da força, são construções que levam à edificação de uma realidade, uma vez que interferem no imaginário social. Para que se entenda como os meios de comunicação agem na sociedade, nesse caso, consideram-se os jornais, de certo modo, reorganizando tais representações. Pode-se dizer que, segundo Thompson (1998), o desenvolvimento dos meios de comunicação é uma reelaboração do caráter simbólico da vida social, em seu sentido fundamental, e uma reorganização dos meios pelos quais a informação e o conteúdo simbólico são produzidos e intercambiados no mundo social. É também, segundo ele, uma reestruturação dos meios pelos quais os indivíduos se relacionam entre si.

Segundo Silva (2009, p. 91), quem tem poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade. Sabe-se que os jornais, como meios de comunicação de massa, exercem poder sobre sua comunidade de leitores. Justifica-se assim, a análise das críticas cinematográficas como problemática para a construção das identidades nos contextos anteriormente descritos. Porém, principalmente porque “a construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas” (CUCHE, 2002, p. 182). Assim, são elas elementos que se aproximam dos contextos sociais que se quer analisar, estão elas carregadas de representações e eram uma referência para a escolha dos filmes, como se verá adiante.

A análise de conteúdo

Para apresentar e analisar as críticas de cinema publicadas nos jornais em questão, *O 5 de abril* e *Correio do Povo*, a metodologia empregada foi a análise de

conteúdo, como dito antes. Segundo Bardin, o termo “análise de conteúdo” designa

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2004, p. 42).

Tal metodologia foi empregada procurando aproximar-se de sua vertente mais atual, ou seja, a qualitativa², não apenas preocupada com aspectos quantitativos, mas ainda permitindo inferências. Desse modo, as informações e os dados mais pertinentes foram não somente quantificados, mas interpretados.

Não é uma simples técnica de análise de dados. Representa uma abordagem metodológica com características e possibilidades próprias, pois “uma boa análise de conteúdo não deve limitar-se à descrição. É importante que procure ir além, atingir compreensão mais aprofundada do conteúdo das mensagens mediante inferência e interpretação” (MORAES, 1999, p. 24).

Segundo Bardin (2004), as fases da análise de conteúdo organizam-se em três pólos cronológicos: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, quando da inferência e da interpretação destes. Ainda assim, é preciso lembrar que essa metodologia é bastante flexível, pois segundo a mesma autora, ele depende do tipo de fala a que se dedica e do objetivo a que se propõe o estudo no qual for utilizada.

A primeira fase é quando se dá o encontro com a fonte e a sua delimitação. A exploração do material, que é a segunda fase, “não é mais do que a administração sistemática das decisões tomadas” (BARDIN, 2004, p. 101). Nesse momento, fez-se o tratamento do material, administrando a técnica sobre o *corpus*, que são os documentos tidos em conta para serem submetidos aos processos analíticos. A técnica que se julgou mais apropriada para esse estudo foi a análise categorial, não somente porque é a mais antiga e na prática a mais utilizada, mas porque foi a que melhor correspondeu aos propósitos do estudo. Sabe-se que “as categorias representam o resultado de um esforço de síntese de uma comunicação, destacando neste processo seus aspectos mais importantes” (MORAES, 1999, p. 19).

² Segundo Bardin, “na medida em que a análise de conteúdo é utilizada como um instrumento de diagnóstico, de modo que se possa levar a cabo inferências específicas ou interpretações causais sobre um dado aspecto (...), o seu procedimento não é mais quantitativo” (2004, p. 21).

Assim, durante a análise do *corpus*, estabeleceram-se algumas categorias temáticas, de modo que as unidades do texto, ou seja, as críticas cinematográficas tanto de *O 5 de abril* como do *Correio do Povo*, fossem submetidas a elas.

As críticas cinematográficas em *O 5 de abril*

Novo Hamburgo, município do estado do Rio Grande do Sul, foi colonizado por alemães na primeira metade do século XIX, e essa foi a sua origem como núcleo de povoamento. Até 1927, quando conquistou sua emancipação, foi distrito de São Leopoldo. Um mês após se tornar município, houve a publicação do primeiro exemplar do jornal *O 5 de abril*, que inclusive se intitulava assim fazendo alusão ao dia da emancipação. Segundo Behrend (2002), o jornal foi criando um vínculo e uma identidade junto aos hamburguenses. O autor, bisneto do fundador do periódico, ainda declara que

A função social, ressaltou-se, era a contribuição mais valiosa do semanário. Em um mês de existência, seções como a coluna “Diversões”, com a programação dos Cinemas Guarany, Carlos Gomes e central, acontecimentos sociais, batizados, aniversários e eventos na “Notas Sociais”, “Secção Forense” e “Notícias de Hamburgo Velho”, ficaram abarrotadas de informações e se tornaram espaços fixos (BEHREND, 2002, p. 47).

O 5 de abril foi publicado entre os anos de 1927 e 1962, com periodicidade semanal. O jornal era constituído de quatro páginas em média. Através da fala acima e de outros estudos que o utilizaram como fonte, como é o caso do estudo de Puhl e Silva (2011)³, é possível perceber que o tema Cinema sempre esteve presente entre suas publicações.

Analisaram-se neste estudo 18 colunas sobre cinema publicadas nesse periódico (que correspondem também a 18 semanas de publicação do jornal), período que compreende os meses de fevereiro a junho de 1950. A coluna era intitulada “O que vai pelos cinemas” e trazia pequenas críticas, sobre dois ou três filmes diferentes em média. Na Figura 1, pode-se observar a configuração dessa coluna. Como cada uma delas comentava mais de um filme, o total de críticas tomadas para análise é de 53. A coluna encontrava-se no centro do jornal, juntamente com as notas sociais e outras publicações sobre entretenimento. Ainda que não faça parte do material analisado é necessário dizer que na última página estava a programação dos cine-teatros na coluna “CINELANDIA”.

³ O estudo de Puhl e Silva (2011), intitulado “O que vai pelos cinemas: a crítica cinematográfica e a construção das identidades”, apresenta e analisa a relação entre a crítica de cinema publicada em “O 5 de abril” (1945-1950) e a construção das identidades na cidade Novo Hamburgo.



Figura 1 – Coluna “O que vai pelos cinemas”, jornal “O 5 de abril”, 1950

Na época em que essas críticas foram publicadas, Novo Hamburgo tinha uma população equivalente a um décimo do que tem atualmente, e havia três salas de cinema, Guarani, Aida e Carlos Gomes. Eram chamadas de cine-teatros, uma vez que também eram exibidas peças de teatro nesses locais. A cidade, juntamente com a sua região o Vale dos Sinos, estava se firmando como centro urbano e estava em meio a um processo que lhe renderia o título de “principal pólo produtor de calçados do Rio Grande do Sul” (SCHENEIDER, 1996, p. 10). A industrialização dessa região pode ser caracterizada

como um processo social que, além de demonstrar sua superioridade econômica sobre as demais formas de trabalho afeta, significativamente, uma série de valores e instituições alheias à produção e ao mercado como a tradição, a disciplina, os costumes e a etnia; enfim, o modo de vida vigente (SCHENEIDER, 1996, p. 8).

Ainda que não tenha abandonado a produção agrícola, sabe-se que o município

tinha, em 1944, uma superfície de 263 km² e uma população de 20.226 habitantes. Segundo a estatística comercial de 1942, o município contava com 144 casas comerciais e 274 indústrias que se dedicavam a indústria da alimentação (café, carnes, bebidas, farinha de mandioca, trigo e milho, pão, biscoitos e doces, vinagres), de borracha e de couro (calçados e artefatos de couro em geral, produtos de cortume), da cerâmica e calcário (ladrilhos e artefatos de cimento, mármore, granito, pedra grês, rodutos cerâmicos) de construção, de eletricidade (...), de metalurgia (...), de óleos e gorduras vege-

tais, de produtos químicos, de têxteis (...), de vestuário (...), acácia negra, artefatos de fumo, de papelão, cerdas preparadas, instrumentos musicais, tipografias, indústrias de madeira e vime (PETRY, 1944, p. 119-121 apud DREHER, 1999, p. 51).

Novo Hamburgo embora nos dias atuais faça parte da região metropolitana, em 1950, estava em meio a um processo industrial que não somente modificaria suas relações econômicas e de produção, mas também as relações pessoais e identitárias, não mais pautadas apenas nas relações “colono-camponesas” e de “parentesco”. Porém, se sabe que uma maior abertura, quando realmente se consolidam essas novas relações, começa apenas posteriormente a esse período. Isso porque, “além da forma de ocupação geográfica, a etnia, a língua e as dificuldades de comunicação (falta de estradas, etc.) foram as responsáveis pela formação de sociedades com alto grau de endogamia e relativamente fechadas entre si até 1950 (SCHNEIDER, 1996, p.7).

É possível que, por esse motivo, mais da metade das críticas, ou seja, 54% delas, falem diretamente com o leitor e se utilizem de uma linguagem que possivelmente tenha favorecido uma aproximação com os leitores ou tenha tido essa intenção. Essa linguagem um tanto quanto informal da qual se utiliza o jornal, se analisada por um outro viés, pode ser capaz de transmitir a atmosfera que circundava na comunidade hamburguense, uma comunidade interiorana, onde boa parte de seus membros costumam se conhecer e manter relações sociais. Na tabela 1, a seguir, é possível verificar algumas das características dessas críticas, obtidas através da análise de conteúdo do *corpus* documental que se separou para análise:

Tabela 1 – Síntese da análise de conteúdo em O 5 de abril

Críticas cinematográficas em “O 5 de abril”

Críticas que falam de filmes em cartaz	53 – 100%
Críticas que citam o cinema no qual o filme será exibido	53 – 100%
Críticas que trazem informações técnicas	0 – 0%
Críticas positivas em relação aos filmes	53 – 100%
Críticas negativas em relação aos filmes	0 – 0%
Críticas que se mantêm neutras	0 – 0%
Críticas que falam diretamente ao leitor	29 - 54,7%

Fonte: Elaborada pelas autoras

Outro aspecto a ser apontado é que todas as críticas publicadas se referem a filmes que estão em cartaz e todas citam o cinema no qual o filme será exibido. Talvez esses dois dados expliquem um terceiro, que todas as críticas são favoráveis, nenhuma desqualifica o que será visto no cinema. Pode-se dizer que os comentários positivos aos filmes possivelmente tenham tido a finalidade de incentivar os leitores a se tornarem espectadores, ou seja, a irem ao cinema e assistir aos filmes.

Através das seguintes falas retiradas do jornal *O 5 de abril*, tem-se exemplos tanto da fala direta com os leitores, quanto da fala favorável aos filmes: “Vejam o final empolgante deste belo espetáculo humano e sublime”; “Surge na tela o filme aventura para todos os amantes de qualquer gênero”; “Em única sessão sábado às 20,30 horas em Seu Cinema...”; “Festejando a data de nossa emancipação, a direção da Cinelândia local, resolveu brindar o operoso povo desta grande e laborosa comuna, com um espetáculo todo dedicado aos pais de nossos homens de amanhã”; “Chega-nos, finalmente, o mais esperado de todos os grandes sucessos do ecrân norte-americano”.

A aparente opção de *O 5 de abril* pela utilização de uma linguagem mais simples nas críticas cinematográficas talvez esteja também refletida na ausência de informações técnicas sobre os filmes, nos textos que foram alvo de análise. Algumas críticas citavam os nomes dos atores principais dos filmes e em outras raras se encontrava o gênero, porém não costumavam citar seu ano de lançamento, diretor, fotografia, produção e cenário.

As críticas cinematográficas no *Correio do povo*

A história de Porto Alegre está ligada à formação das sesmarias no Rio Grande do Sul, no século XVIII⁴ e posteriormente se configura como um dos núcleos de povoamentos dos casais açorianos que chegam a partir de 1752. Já em 1773 torna-se a capital da então Capitania de São Pedro (hoje Estado do Rio Grande do Sul). No século XIX, recebeu vários imigrantes e continuou seu crescimento, consolidando sua primazia dentre as cidades gaúchas ao longo do século XX. Porto Alegre tinha 394 mil habitantes em 1950 (TROTELIS; BASSO, 2011) e contava com 29 salas de cinema segundo o que se pode ler nas páginas do *Correio do Povo*, eram elas: Capitólio, Avenida, Colombo, Glória, Imperial, Central,

⁴ “As sesmarias eram terras devolutas (...) e foram concedidas primeiramente na região que se estendia de Tramandaí aos campos de Viamão, passando por Gravataí e um pouco mais ao sul, acompanhando o caminho dos tropeiros no exíguo Rio Grande português da época (...) Muitas vezes, a ocupação anterior de terra precedia a legalização da posse, como se deu no caso de Jerônimo de Ornellas, que habitava a zona de Porto Alegre há alguns anos, recebendo a área como sesmaria em 1940” (PESAVENTO, 1985, p. 15).

Vera Cruz, Roxy, Rio, Rex, Marabá, Carlos Gomes, Coliseu, Apolo, Castelo, Brasil, Garibaldi, Baltimore, Rio Branco, Ritz, Petrópolis, Rival, Ipiranga, Orfeu, El Dorado, Rosario, America, Talia e Navegantes.

O jornal *Correio do Povo* foi fundado em 1895, buscando romper com o jornalismo partidário, característico da imprensa gaúcha na época, criando e reforçando a ideia de que era um veículo neutro, imparcial. Assim, fundado nesta ideia de imparcialidade, o *Correio do Povo*, conforme Rüdiger (2003), conquistou rapidamente a hegemonia no mercado de jornais. Alcançou também uma credibilidade que levaria por toda a sua história, nutrida e reativada de tempos em tempos por este discurso de neutralidade. Na verdade, como defende Rüdiger (2003, p. 80), “Caldas Júnior descobriu que o caráter político do jornalismo não precisava ser explícito, que havia uma mutação em curso nas necessidades do público e no próprio espectro deste público, estabelecendo novos termos para a concorrência no mercado de jornais”.

Até o ano de 1982, o *Correio do Povo* figurou como o jornal de maior circulação no estado. Dessa forma, em 1950, esse era o principal jornal do Rio Grande do Sul. Foram selecionados e fotografados os editoriais de cinema⁵ do jornal *Correio do Povo*, considerando também o período que compreende os meses de fevereiro a junho de 1950. O jornal era publicado de terça a domingo e em todas as edições observadas dentro desse período havia editoriais de cinema. Porém, para análise foram selecionados 26 edições, uma de cada semana, alternando-se os dias, para poder comparar com *O 5 de abril*, que era semanal. Assim, o *corpus* documental é composto de 22 editoriais e 101 críticas de filmes diversos. As demais publicações dos editoriais como artigos, notícias e a programação da semana, destacada em um quadro com o título “A que cinema iremos hoje?”, não foram consideradas, porque não se tem por objetivo sua análise nesse estudo. Na mesma página dessa sessão, também eram publicadas as notas sociais e os eventos culturais.

A sessão de cinema publicada no *Correio do Povo* não se apresentava sempre da mesma forma. Havia diferentes colunas como: FILMES NA TELA, ESTRÉIAS DA SEMANA, PRÓXIMAS ESTRÉIAS, EM CARTAZ, CARTAZES DA SEMANA. Sendo que em um mesmo editorial (mesmo dia) podia haver mais de uma dessas colunas publicadas, assim determinadas vezes o editorial ocupava mais de meia página. Também não diferiam em como apresentavam a crítica do

⁵ Fala-se em editoriais e não em colunas como quando se falou da publicação de cinema em *O 5 de abril*, porque o *Correio do Povo* dedicava maior espaço da página a esse tema. Incluía próximo as críticas a programação semanal e outras notícias vinculadas, já o primeiro jornal dedicava mesmo uma coluna, a programação dos cinemas ficava em outra página, ao final dele e as poucas notícias relacionadas estavam em diferentes partes, não mantinham uma ligação com a coluna.

filme. Por exemplo, a coluna FILMES NA TELA apresentava através de uma breve crítica os filmes em cartaz na semana, citando o cinema onde seriam exibidos. PRÓXIMAS ESTRÉIAS e ESTRÉIAS DA SEMANA, naturalmente, falavam dos filmes que estavam próximos a entrar em cartaz. A coluna EM CARTAZ algumas vezes apresentava críticas de filmes e, outras vezes, falava de artistas ou profissionais de cinema ligados a um dos filmes que estava em cartaz. A coluna CARTAZES DA SEMANA sempre trazia informações técnicas sobre os filmes e a opinião emitida por outro veículo (devidamente citado ou com indicação do autor e sua cidade), então, ao final do texto podia-se ler “Da GAZETA, São Paulo” ou “De VAN JAJA, da ‘Carioca’, no Rio”, ou ainda “De PAULO PORTO, da ‘Gazeta de Notícias’ do Rio”. Através da Figura 2, se tem um exemplo de como eram essas colunas, ainda que seja um recorte.



Figura 2 – Editorial de cinema, Correio do Povo, 2 de março de 1950

Através da análise de conteúdo do *corpus* documental que se separou para análise, mantidas as mesmas categorias usadas na análise do material publicado em *O 5 de abril*, obteve-se as seguintes características das críticas do publicadas no jornal *Correio do Povo*, que podem ser vistas na tabela 2:

Tabela 2 – Síntese da análise de conteúdo no Correio do Povo

Críticas cinematográficas no “Correio do Povo”	
Críticas que falam de filmes em cartaz	93 – 92,1%
Críticas que citam o cinema no qual o filme será exibido	90 – 89,2%
Críticas que trazem informações técnicas	59 – 58,5%
Críticas positivas em relação aos filmes	77 – 76,6%
Críticas negativas em relação aos filmes	7 – 6,9%
Críticas que se mantêm neutras	17 – 16,9%
Críticas que falam diretamente ao leitor	0 - 0%

Fonte: Elaborado pelas autoras

As críticas cinematográficas publicadas no *Correio do Povo* se caracterizam por apresentar uma linguagem formal, nenhuma delas fala diretamente com o leitor, ou seja, não se utilizam de frases ou expressões que busquem uma identificação ou aproximação com o público. Das críticas analisadas, 58,5% trazem informações técnicas sobre os filmes, ou seja, apresentam informações detalhadas sobre eles. Através desse dado, talvez, também seja possível verificar a escolha por uma linguagem mais formal e técnica.

A grande maioria das críticas fala sobre os filmes que estão em cartaz e também citam o cinema no qual será exibido. Dessas críticas, 76,6% são favoráveis aos filmes que comentam e 16,9% se mantêm neutras, ou seja, não traçam elogios nem apontam aspectos falhos aos filmes. Algumas das críticas analisadas, 6,9%, apresentam comentários que aqui são considerados negativos aos filmes, como por exemplo: “A narração é fraca, e a interpretação, muitas vezes, se avizinha do ridículo”; “Para quem pensa apenas em rir em função de um autor, o filme pode ser visto como razoável”; “Os amantes do gênero, como é natural, toleram e até assistem com interesse. Os demais...”.

A crítica cinematográfica e a construção das identidades

Não se busca e nem seria adequado simplesmente comparar as duas realidades analisadas. Mas, por meio das características que mais se aproximam ou se distanciam entre elas, é possível melhor compreendê-las e tentar traçar através das falas de cada periódico a construção da identidade de cada um dos públicos leito-

res. Considerando, é claro, que os dois municípios em questão eram um tanto distintos no período. Como se mantiveram as mesmas categorias para analisar as crônicas do jornal *O 5 de abril* e as crônicas do *Correio do Povo*, pode-se considerar que um resultado semelhante em uma mesma categoria torna-se também uma característica comum na configuração das crônicas de ambos os periódicos. Assim como um resultado bastante divergente aponta, portanto, uma diferença.

A maior aproximação entre as críticas dos jornais analisados se deu nas duas primeiras categorias, ou seja, aproximam-se pelo fato de falarem sobre os filmes que estão em cartaz nos respectivos cinemas de suas cidades e por citarem o cinema no qual os filmes seriam exibidos, na grande maioria de seus textos. Por meio desses dados, vê-se que talvez a principal preocupação desses textos, que eram as críticas, se tratava de levar o público ao cinema, mais do que debater sobre filmes.

O maior distanciamento se deu entre a terceira e a última categoria. Enquanto 58,5% das críticas do *Correio do Povo* apresentam informações técnicas sobre as produções que se propunham a analisar, no jornal *O 5 de abril*, há a ausência desses elementos. Por outro lado, enquanto 54,7% das críticas cinematográficas publicadas em *O 5 de Abril* falavam diretamente com o leitor, talvez em busca de uma possível aproximação, como já se viu, nenhuma das críticas publicadas no *Correio do Povo* possui tal característica. Silva esclarece que

Na medida que não existe nenhuma ‘comunidade natural’ em torno da qual se possam reunir as pessoas (...) ela precisa ser inventada, imaginada. É necessário criar laços imaginários que permitam ‘ligar’ pessoas que sem eles, seriam simplesmente indivíduos isolados, sem nenhum ‘sentimento’ de terem qualquer coisa em comum (SILVA, 2009, p. 85).

Os laços que “ligavam” os públicos leitores, e, assim, a comunidade a qual pertenciam, se davam de modo distinto nos contextos em estudo. O modo mais simples como *O 5 de abril* se dirige ao seu público leitor leva a crer que buscava uma proximidade, uma identificação com ele. Como essa fala inexistente no *Correio do Povo*, pode-se dizer primeiramente que para os leitores da capital, ou seja, para uma comunidade mais aberta e urbanizada, talvez mais crítica, não cabia essa linguagem. Além disso, o que mais importava para *O 5 de abril*, o “Cinquinho” como era popularmente chamado, era a proximidade com o leitor e a simples apresentação dos filmes, possivelmente como um incentivo ao comparecimento ao cinema. Por exemplo, em uma das críticas do periódico hamburguense havia a seguinte frase: “Uma película que é um tesouro de grande emoção para todos, para a família inteira, desde o filho até o avó”. E, no periódico da capital encon-

trou-se essa frase: “Esse filme realiza programa recomendável para todos os públicos”. Dessa forma, vê-se que, embora os dois veículos buscassem falar sobre a mesma coisa, o faziam usando linguagens bem diferentes. Porém, não é somente uma diferença de linguagem, mas é, quem sabe, um indício da forma como cada uma das sociedades se vê e conseqüentemente firma sua identidade. Vale lembrar que “diferentes contextos sociais fazem com que nos envolvamos em diferentes significados sociais. Considerando as diferentes identidades envolvidas em diferentes ocasiões” (WOODWARD, 2009, p. 30).

Identidade e alteridade estão ligadas e, assim, pode-se dizer que o cinema tenha exercido um papel importante na construção das identidades, uma vez que, através dos filmes, era possível ampliar essa noção do outro, uma vez que “a identidade é marcada pela diferença” (WOODWARD, 2009, p. 9). Ou seja, através dos filmes outras realidades eram conhecidas.

Não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si. A identidade existe sempre em relação a uma outra. Ou seja, identidade e alteridade estão ligadas são ligadas e estão em uma relação dialética. A Identidade acompanha a diferenciação (CUCHE, 2002, 183).

Geralmente as capitais ganham também o status de elite cultural, o que se incorpora à sua identidade. Acredita-se ser possível verificar essa construção em Porto Alegre, em 1950, através da configuração dos editoriais de cinema no *Correio do Povo*, aqui analisadas. Isso porque, diferentemente das críticas publicadas em *O 5 de abril*, havia uma maior preocupação com as informações técnicas dos filmes e com um texto mais elaborado. Tal preocupação talvez também aponte para um público leitor mais atento aos diversos elementos e profissionais que circundam a produção de um filme.

Ainda que 76% das críticas publicadas no *Correio do Povo* também apresentem um discurso favorável aos filmes, sendo uma porcentagem elevada, é necessário que se diga que não são tão enfáticas e efusivas quanto as críticas de *O 5 de abril*.

Um outro dado interessante é que, embora se considere o mesmo período para análise, os filmes exibidos nas duas cidades não eram os mesmos. Ao que se pode perceber, variavam bastante, isso porque era muito raro encontrar um mesmo título citado em ambos os jornais.

Considerações finais

Como se mantiveram as mesmas categorias para a análise das críticas de cinema de ambos os periódicos, *Correio do Povo* e *O 5 de abril*, se podem obter importantes dados por meio da análise de conteúdo para verificar a construção das identidades em Novo Hamburgo e Porto Alegre, em 1950.

Através dessa análise se verificou que as críticas escritas para a leitura dos hamburguenses sugerem uma aproximação com o leitor e se preocupam mais com isso do que com as informações técnicas, que costumam acompanhar esse tipo de texto. O que sugere também uma comunidade ainda com características interioranas.

O *Correio do Povo* apresenta uma crítica mais especializada, o que por sua vez sugere um leitor mais exigente, típico das capitais, que costumam ser os centros culturais. Também pode indicar uma comunidade mais aberta, uma vez que algumas críticas são buscadas em outros jornais.

O elo mais comum entre as críticas é a recorrente citação do cinema onde o filme seria exibido junto ao texto da crítica e também o fato de escreverem sobre os filmes em cartaz.

Por meio das críticas se pode perceber que o cinema, em 1950, era uma prática de lazer comum tanto na capital Porto Alegre, quanto no interior Novo Hamburgo. Isso porque, através delas se notou que havia um considerável número de salas de cinema e uma grande variedade de filmes sendo exibidos. A própria existência delas enquanto publicação pertinente, nos jornais das cidades, aponta para a existência de uma atmosfera favorável ao cinema. Sabe-se que “o cinema é uma prática social para aqueles que o fazem e para o público. Em suas narrativas e significados, podemos identificar evidências do modo como nossa cultura dá sentido a si própria” (TURNER, 1997, p. 13).

Considerando que não havia televisão e que o rádio era o meio de comunicação que prevalecia, talvez as críticas de cinema publicadas nos jornais fossem a principal ligação do público com essa arte, fora das salas de cinema. Assim, possivelmente as críticas eram importantes referências às comunidades em questão, tanto no que diz respeito às características dos filmes, quanto às sessões e salas de cinema.

De acordo com Geertz (1989, p. 15) a cultura é “uma teia de significados” e nesse estudo se consideraram as críticas cinematográficas como o fio inicial/condutor para encontrar os muitos significados que tenham suscitado ou auxiliado a enten-

der na construção das identidades nos contextos estudados. Ainda hoje, é claro, considera-se o cinema como prática social. As críticas cinematográficas ainda estão nos jornais ou em outra mídia. Dessa forma, é possível analisar o que trazem consigo os filmes e as críticas sobre a nossa sociedade atualmente, fazendo com que a metodologia empregada nesse estudo possa ser utilizada em diferentes contextos e com diferentes objetos.

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2004.

BEHREND, Martin Herz. *O 5 de abril*. Porto Alegre: Metrópole Ind. Gráfica, 2002.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 2002.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

GEERTZ, Cliford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tadeu Tomaz da (Org.). *Identidade e diferença*. As perspectivas dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

MORAES, Roque. *Análise de conteúdo*. Educação, Porto Alegre: Faculdade de Educação. PUCRS/Curso de Pós-Graduação, 1999, pp. 5-31.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

PETRY, Leopoldo apud DREHER, Martin Norberto. *O desenvolvimento econômico do Vale dos Sinos*. Estudos Leopoldenses, Série História, vol. 3, n. 2, 1999.

PUHL, Paula Regina; SILVA, Cristina Ennes. *O que vai pelos cinemas: a crítica*

ca cinematográfica e a construção das identidades. FAMECOS. Porto Alegre, vol. 18, n. 1, pp. 41-54, janeiro-abril, 2011.

RÜDIGER, Francisco. *Tendências do Jornalismo*. 3. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2003.

SCHNEIDER, Sergio. *Os colonos da indústria calçadista: expansão industrial e as transformações da agricultura familiar no Rio Grande do Sul*. Revista Ensaios FEE, Porto Alegre, vol. 17, n. 1, pp. 298-323, 1996.

SILVA, Tadeu Tomaz da. A produção social da identidade e da diferença. In. _____ (Org.). *Identidade e diferença*. As perspectivas dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

_____. *Identidade e diferença*. As perspectivas dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social crítica*. Petrópolis: Vozes, 1998.

TROTELIS, Adriano Lima; BASSO, Luis Alberto. *Porto Alegre: urbanização, sub-habitação e consequências ambientais*. BGG (Boletim Gaúcho de Geografia) n. 37, Porto Alegre: pp. 109-116, mai. 2011.

TURNER, Graeme. *O cinema como prática social*. São Paulo: Summus, 1997.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In. SILVA, Tadeu Tomaz da (Org.). **Identidade e diferença**. As perspectivas dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

JORNAIS

Correio do Povo, Porto Alegre, RS, fevereiro a junho de 1950. Acervo do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

O 5 de abril, Novo Hamburgo, RS, fevereiro a junho de 1950. Acervo Biblioteca Universidade Feevale.

